



TEMPORADA OSESP 2020
CONCERTOS SINFÔNICOS

5.11 quinta 19H e 21H15 JACARANDÁ
6.11 sexta 19H e 21H15 PEQUÍÁ
7.11 sábado 15H15 e 17H30 IPE

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO - OSESP
NEIL THOMSON REGENTE

WOLFGANG AMADEUS MOZART [1756-1791]
Sinfonia nº 32 em Sol Maior, KV 318 [1779]
9 MIN

GEORGE WALKER [1922-2018]
Lyric for Strings [1946]
6 MIN

FELIX MENDELSSOHN-BARTHOLDY [1809-1847]
Sinfonia nº 3 em Lá Menor, Op. 56 – Escocesa [1841-42]
ANDANTE CON MOTO. ALLEGRO POCO
AGITATO (ATTACCA)
SCHERZO: VIVACE NON TROPPO (ATTACCA)
ADAGIO CANTABILE
ALLEGRO VIVACISSIMO. ALLEGRO
MAESTOSO ASSAI
40 MIN

MOZART

Sinfonia nº 32

Paris era um sonho para Mozart. Lá ele esperava encontrar sucesso e prosperidade financeira. Mas a viagem que empreendeu em 1778 foi uma decepção sob todos os aspectos. Pouquíssimas obras foram encomendadas e, para completar o fracasso da expedição, a mãe do compositor, a quem ele adorava e que o havia acompanhado na viagem, ficou doente e faleceu. A volta a Salzburgo, adiada ao máximo, também foi sofrida. Saindo de Paris em setembro, o jovem Wolfgang fez uma parada de alguns meses em Mannheim, e foi apenas em janeiro de 1779 que assumiu o cargo de organista da Corte em sua cidade natal. Ele, que pouco tempo antes havia sido uma criança-prodígio, acostumada a ser adulada e a ter seu talento apreciado nas várias Cortes da Europa, relutantemente aceitou se submeter às ordens de um patrão autoritário e grosseiro, o príncipe-arcebispo Colloredo, que tratava os músicos como servos e não se deixava impressionar pelo gênio de seu contratado. Nessa época, as cartas de Mozart estão repletas de reclamações sobre a falta de visão de seu empregador, o baixo nível da orquestra que tinha à sua disposição e, finalmente, a formação precária de seus colegas músicos.

A *Sinfonia nº 32* data exatamente desse período, tendo sido completada em abril de 1779. Composta na tonalidade expansiva de Sol Maior e orquestrada para duas flautas, dois oboés, dois fagotes, quatro trompas e cordas (com o acréscimo posterior de trompetes e tímpanos), tem um caráter exuberante, com poucos momentos em que se poderiam perceber laivos de tristeza ou desesperança, como seria lícito esperar. A própria instrumentação, com ênfase incum nas trompas — o normal era então o uso de apenas duas —, empresta à obra colorido e brilho especiais.

Se pouquíssimas obras orquestrais de Mozart foram publicadas no século XVIII, a *Sinfonia nº 32* se distingue por ter sido divulgada largamente durante sua vida. Talvez também por isso, mas certamente pela sua escrita ágil, fluida, cheia de contrastes e achados musicais, tornou-se uma das mais famosas do compositor, objeto de especulação para muitos musicólogos. Alfred Einstein, grande especialista em Mozart, está convicto de que foi escrita como abertura para a ópera *Zaide*. Para embasar sua afirmação, cita o dualismo temático que ocorre logo no início do primeiro movimento, contrapondo um *tutti* peremptório ao piano suplicante das cordas. Einstein percebe neste contraste as vozes do Sultão Saliman e da delicada *Zaide*, respectivamente. Como reforço a seu argumento, chama a nossa atenção para o caráter “turco” do final da abertura. Outros sustentam que a obra seria, na verdade, a abertura de *Thamos, Rei do Egito*, peça de autoria de Tobias Philipp von Gebler, transformada em *Singspiel* por Mozart.¹

Ainda que tais teorias não possam ser comprovadas, é indubitável que o próprio Mozart aprovava o uso dessa sinfonia como abertura operística, já que há registros de sua execução numa produção de 1785 da ópera *La Villanella Rapita*, de Francesco Bianchi. Na verdade, na época de Mozart, as diferenças entre uma sinfonia e uma abertura não eram significativas. Hoje, pela breve duração, pelo formato contínuo (um movimento desembocando diretamente em outro), pelo estilo italianado, pela forma, até mesmo pela exuberância da escrita e da instrumentação, a *Sinfonia nº 32* parece se incluir claramente na categoria de abertura italiana — e é assim, aliás, que costuma ser catalogada, apesar de o termo não constar do manuscrito da peça. Independentemente de sua classificação, porém, essa é uma peça repleta de ideias inovadoras. Basta citar a escrita do baixo, em que pela primeira vez Mozart distribui as funções tradicionais do baixo-contínuo entre os vários instrumentos graves, criando partes independentes para o violoncelo, o contrabaixo e o fagote, num procedimento musical que viria a se tornar corriqueiro nos séculos posteriores.

[2014]

¹ O *Singspiel* é um tipo de ópera, característico do século XVIII, geralmente com tema leve, em que há trechos intercalados com números musicais. *A Flauta Mágica*, de Mozart, é um exemplo supremo do gênero.

LAURA RÓNAI
É DOUTORA EM MÚSICA, RESPONSÁVEL PELA CADEIRA DE FLAUTA TRANSVERSAL NA UNIRIO E PROFESSORA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. É TAMBÉM DIRETORA DA ORQUESTRA BARROCA DA UNIRIO

WALKER

Lyric for Strings

George Walker (1922-2018) foi um compositor e pianista estadunidense. Com uma carreira brilhante, recebeu o prêmio Pulitzer e foi laureado com bolsas como Fulbright, Guggenheim e National Endowment for the Arts (EUA). Formou-se pelo Curtis Institute, na Filadélfia, fazendo sua estreia no Town Hall, em Nova York, logo depois. Estudou em Paris com a célebre professora de composição Nadia Boulanger, que também foi tutora de nomes como Aaron Copland, Philip Glass e de nossos conterrâneos Almeida Prado, Claudio Santoro e Egberto Gismonti. Doutorou-se pela Eastman School of Music (Rochester, Nova York) e recebeu outros sete doutorados *honoris causa*, lecionando depois no Smith College (Massachusetts), na Universidade do Colorado e Universidade Rutgers (Newark) onde foi chefe do departamento de música. Contudo, sua obra ainda é pouco difundida mesmo em seu país e ainda é necessário lembrá-la não apenas pelos seus feitos, mas por ter sido o primeiro negro a conquistar tantos espaços no circuito da música erudita.

A peça mais conhecida da produção multifacetada de George Walker é *Lyric for Strings*, que relembra em estilo e instrumentação o *Adágio para Cordas*, de Samuel Barber – seu colega no Curtis Institute. Trata-se de uma obra de juventude, inicialmente composta como um movimento de seu primeiro quarteto de cordas, *Lamento*, dedicado à sua avó recém-falecida.

MENDELSSOHN

Sinfonia nº 3 – Escocesa

Em 1829, aos vinte anos, Felix Mendelssohn partiu para uma viagem de três anos pela Europa, começando pela Grã-Bretanha e passando pela Itália, Suíça e França. Durante os séculos XVIII e XIX, era costume que jovens abundantes nessa faixa etária fizessem uma grande excursão para expandir seus horizontes culturais e, no caso dos artistas, munir-se de experiências inspiradoras. Como filho de banqueiro, o jovem Mendelssohn cumpriu a tradição – mas a escolha da Escócia, fora do circuito dos grandes centros culturais, foi certamente incomum. A opção talvez tenha se dado pela admiração do Mendelssohn pelo escritor escocês Walter Scott (1771-1832), que o jovem compositor foi de fato encontrar, e pela possibilidade da companhia de um amigo próximo da família então baseado em Londres.

Mendelssohn manteve um detalhado diário e trocou cartas durante todo o percurso. Uma delas descreve que, durante um pôr do sol em Edimburgo, ele e seu companheiro foram ao castelo de Holyrood, “onde a Rainha Mary viveu e amou [...]”. A capela ao lado está agora sem teto; grama e ervas ali crescem, e naquele altar partido Mary foi coroada Rainha da Escócia. Tudo em volta está em ruínas e abandono, e a luz do céu brilha no interior. Acredito que encontrei hoje, naquela velha capela, o início de minha Sinfonia Escocesa”.

A sinfonia, contudo, só seria finalizada treze anos depois. Após a temporada na Escócia, Mendelssohn partiu para a Itália, onde encontrou dificuldades para embeber-se da atmosfera melancólica do norte que lhe servira de inspiração. Acabou terminando a obra em Berlim, em 1842, o que faz da *Sinfonia nº 3*, afinal, a última na cronologia das suas cinco obras do gênero.

Embora Mendelssohn tenha publicado a sinfonia sem referências programáticas, é possível associar vários de seus elementos à história escocesa e à ambientação naquele país. A obra começa com uma introdução lenta e misteriosa, apenas com violas e sopros, possivelmente aludindo à experiência na capela. A sonoridade vai lentamente se iluminando, como se fôsessem levados, em devaneio, à época da Mary, Rainha da Escócia. O segundo movimento sugere a sonoridade de canções folclóricas escocesas, embora não cite qualquer tema conhecido. O terceiro é um *Adágio*, frequentemente descrito como um lamento para Mary – a rainha ou, talvez, a santa. O último movimento tem caráter marcial e cresce para o triunfo marcado pelos metais com toda a orquestra. A sinfonia termina com uma coda baseada em uma melodia que Mendelssohn utilizara em sua *Ave Maria* anterior – novamente associando a virgem à soberana e nos trazendo de volta à capela do início, agora à época de seu esplendor.

Sob a batuta do compositor, a *Sinfonia Escocesa* foi estreada em Leipzig seis semanas após ser terminada, sendo pouco depois apresentada à então jovem Rainha Vitória, a quem foi dedicada.

JÚLIA TYGEL
DOUTORA EM MUSICOLOGIA (USP), PIANISTA,
É ACESSORA ARTÍSTICA DA OSESP.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Oseps. A partir deste ano, Thierry Fischer é Diretor Musical e Regente Titular, tendo sido precedido por Marin Alsop, que agora é Regente de Honra, de 2012 a 2019. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou um turnê pela China e Hong Kong. No mesmo ano, estreou projeto em parceria com o Carnegie Hall, com a *Nona Sinfonia* de Beethoven cantada ineditamente em português. Em 2018, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtschevsky, recebeu o Grande Prêmio da Revista *Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.

NEIL THOMSON REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM OUTUBRO DE 2020

Diretor Artístico e Regente Titular da Orquestra Filarmônica de Goiás desde 2014, o maestro inglês foi Regente Titular do Royal College of Music de 1992 a 2006, do qual é membro honorário. Já gravou com a Orquestra Sinfônica de Londres e regeu concertos com as Filarmônicas de Londres, de Tóquio, Nacional Russa, Sinfônicas da BBC e Yomiuri Nippon, além da Oseps. Lecionou na Mozarteum em Salzburgo, na Academia de Música de Cremona e em diversos festivais, incluindo o Festival de Inverno de Campos do Jordão.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR
THIERRY FISCHER

VIOLINS
YURI RAKEVICH
MATTHEW THORPE
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLMANN
CAMILA YASUDA
CÉSAR A. MIBANDA
CHRISTIAN SANDU
DEBRAH WANDERLEY DOS SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GREGORIE VOICU
IRINA KOZIN
INNA MELTSEV
IRINA KODIN
LEANDRO DIAS
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LETA
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS
MÁRIA ANGÉLICA CAMERON
ANDRÉS LEPAJE
DAVID MARQUES SILVA
EDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILIEVICH
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV

VIOLONCELOS
RODRIGO ANDRADE
BRÁULIO MARGUES LIMA
MARIA LUISA CAMERON
MARILBI TRESOLIO
REGINA VASCONCELOS
NATHÁLIA SUDARIO**

CONTRABAIXOS
ANA VALÉRIA POLES
MARCIO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALMIR ANARANTE
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

FLAUTAS
JOSE ANANIAS SOUZA LOPES
SÁVIO ARAUJO

OBOÉS
ARCADIO MINCZUK
PETER APPS

FAGOTES
ALEXANDRE SILVÉRIO
VIVIAN MEIRA**

TROMPAS
ANDRÉ GONÇALVES
JOSE COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES
ANTÔNIO CARLOS LOPES JR.
MARCÉLO MATOS

TÍMPANOS
ELIZABETH DEL GRANDE EMÉRITO

(*) CARGO INTERINO
(**) ACADEMISTA DA OSESP

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR
JOÃO DORIA

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO

SECRETÁRIA EXECUTIVA
CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO ENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE

VICE-PRESIDENTE
STEFANO BRIDELLI

CONSELHEIROS
ANA CARLA ABRÃO
CELIA PARNES
ENEIDA MONACO
HELIO MATTAR
JAYME GARFINKEL
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MARIO ENGLER
MÓNICA WALDOVOGEL
PÁULO CEZAR ARAGÃO
PÉRSIO ARIDA
SERGIO SUCHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS
ARAUJO DE FREITAS

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

REALIZAÇÃO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL

osesp
osesp
osesp_

osesp.art.br
salasaopaulo.art.br
fundacao-osesp.art.br